

Começa no Araguaia a Assembléia Indígena

Caciques de 17 tribos procuram a forma de conter invasão branca

ALDEIA TAPIRAPÉ, Mato Grosso — Com a chegada, ontem, de 17 caciques — representantes de mais de 10 mil índios de todo o Brasil — começou, nesta aldeia do Alto Araguaia, a 9ª Assembléia de Chefes Indígenas. O principal tema, que eles discutirão debaixo de frondosa mangueira e à beira de rio piscoso e de águas cristalinas, será invasão, por fazendeiros e posseiros, de suas reservas, muitas delas ainda não demarcadas pela Funai.

Paracis, bororos, nhamiquaras, xavantes (com suas camisetas t-shirts) e até caingangues, do longínquo Rio Grande do Sul, viajaram muitos dias de caminhão e barco para se reunirem com os tapirapés e carajás do Araguaia. A Assembléia vai até o final desta semana. Cada chefe exporá a situação em suas aldeias e em que condições está se processando o contato cada dia mais intenso entre índios e civilizados.

No barco que levou os visitantes à Aldeia Tapirapé, índios de outras regiões, não tão bem servidas de água e pesca como os tapirapés, admiraram a beleza do rio Araguaia. O xavante Tseremêiva, no entanto, foi crítico em sua opinião sobre a viagem: — Vi nas estradas quantos estragos os civilizados fazem na mata, em toda a mataria que passamos. Estou com o coração magoado.

A tribo anfitriã — os tapirapés — também apresentará o seu problema de terras: morando às margens do rio Tapirapé há mais de 50 anos, viram a chegada das fazendas, entre elas a Tapiraguai e a Porto Velho, que se instalam em terras indígenas, com incentivos federais. Até mesmo a área da aldeia, onde moram os 142 tapirapés, está nos domínios da Fazenda Tapiraguai. Estudos foram feitos para decidir os limites das terras, mas todos foram esquecidos nas gavetas da Funai.

A última tentativa foi feita no final de julho de 1976, quando o diretor do Parque do Araguaia, em cuja jurisdição se encontra a Aldeia Tapirapé, acertou com os topógrafos da Tapiraguai e Porto Velho uma visita à aldeia entre os dias 20 e 25 do mês passado, para que fazendeiros e índios entrassem em acordo sobre a terra. Até hoje, no entanto, os topógrafos não apareceram, e o diretor do Parque, Sidney Possuelo, foi transferido para a Base de Operações Avançadas do Solimões, onde dirigirá a atração dos índios marubos, na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Avacatato-I, filho do chefe tapirapé, afirmou que os índios não estão dispostos a aceitar o ala-

gado que a Tapiraguai quer ceder, porque seu interesse é na mata, onde ainda existem possibilidades de caça e a terra é boa para a agricultura. Daqui a cinco anos os tapirapés vão fazer outra aldeia, que fica mais perto da nossa roça, e vamos fazer outra roça, disse ele.

O xavante Cirilo — Tseredze — dirá na reunião que quer mais terras.

Vamos pedir para a Funai pegar a terra que nós queremos antes que fazendeiro chegue — afirmou.

Cirilo, chefe da Aldeia Nova, em Sangradouro, explicou por que foi ao encontro promovido pelos tapirapés.

Tenho vontade de conhecer todas as outras tribos de índios do Brasil agora.

Os bororos, que em julho de 1976 enfrentaram um ataque armado de posseiros e fazendeiros de Barra do Garças e General Carneiro, quando morreram o índio Simão e o Padre Rodolfo Lukenhein, tiveram a terra demarcada, mas afirmam que é preciso uma correção do solo para que eles possam fazer suas plantações.

Embora o crime tenha ocorrido há mais de um ano, os principais responsáveis estão soltos. Um dos implicados, o Prefeito de General Carneiro, morreu em acidente de carro no mês passado. Segundo o bororo Bruno, o Prefeito era "coisa ruim". No entanto, ele está mais preocupado com o fazendeiro João Mineiro, que considera o principal culpado do crime.

Dizem que todos os dias João Mineiro passa pela estrada perto da nossa aldeia, mas não sei por que a polícia não o prende. Agora, ainda vieram com a história de que a Funai quer tirar o padre de lá para entrar na área. Se a Funai quiser entrar lá, pode, mas o padre não vai sair, porque senão não vai ficar nem o padre nem a Funai. Se não fossem os padres as terras dos bororos já eram municípios, e os bororos já estavam se acabando — disse Bruno.

Autodeterminação

Outro tema a ser discutido entre os índios será o relacionamento das tribos com a Funai. O caingangue Xangré, de Nonoai, no Rio Grande do Sul, disse que a Funai mantinha no posto uma serraria, que foi fechada quando acabou a mata. Agora, existe um projeto de desenvolvimento para a plantação de soja, que os caingangues não quiseram colher "porque eles tiram um mundo de dinheiro e não volta nada para a aldeia".

Xangré disse que a Funai prometeu um trator para a aldeia, que ainda não chegou. Ele é o representante do chefe Alcino Peny, "que está brabo mesmo". A opinião de Peny, que Xangré exporá na reunião, é a de que "deixando para o índio a liberdade para fazer o que ele quiser, bem que a Funai podia sair de lá".

Os intrusos derrubam a madeira da nossa terra. Os índios queriam tirar a madeira para por na serraria e fazer casas, mas o chefe do posto não deu autorização. Agora, a madeira está apodrecendo e os índios não fizeram as casas — contou Xangré.

O xavante Eduardo, de São Marcos, levou aos outros representantes de nações indígenas um protesto contra o que ele considera uma injustiça.

Os bororos estão sempre inquietos por motivos de uma notícia que está surgindo contra Dom Pedro Casaldáliga — disse Eduardo. — Os bororos e os xavantes estão muito tristes por saber Dom Pedro perseguido. Bororos e xavantes não sabem qual motivo de bispo que sempre trabalhou pro bem de todos os índios, ser expulso do Brasil. Os índios sabem pelo jornal, pelo rádio, dessas calúnias que surgem contra Dom Pedro, e os bororos e os xavantes fazer votos para que isto não aconteça.

A reunião

O encontro de representantes de mais de 10 mil índios brasileiros, a maioria de Goiás e Mato Grosso, foi preparado pelos índios tapirapés. A partir de uma assembléia semelhante realizada na aldeia nhamiquara, no Mato Grosso, em dezembro do ano passado.

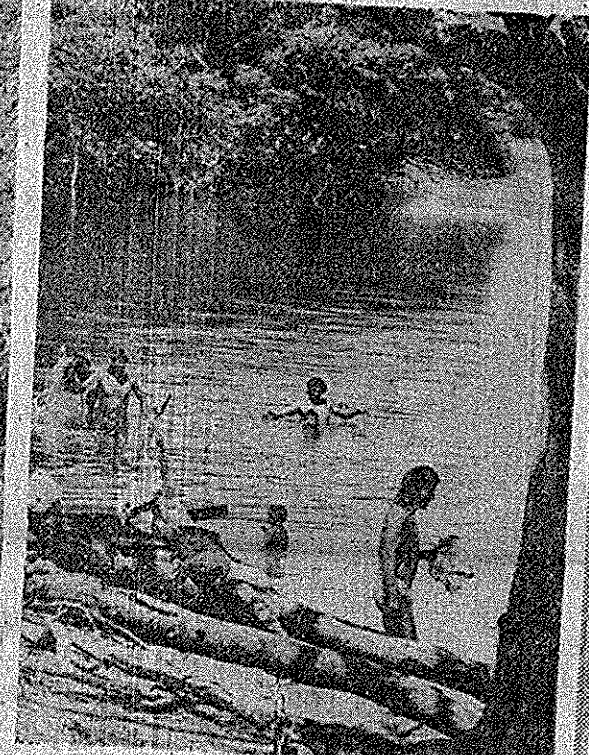
Segundo os tapirapés, "é importante para os índios conhecerem seus irmãos de outras partes do País". Funcionários da Funai e missionários foram convidados a participarem do encontro, mas os índios fizeram questão de explicar que eles serão apenas ouvintes. A maior parte dos índios presentes são de



Mulheres tapirapés confraternizam com mulheres de outras tribos



A maloca, hotel dos visitantes



Um banho de rio, antes da discussão

áreas de missões, inclusive os próprios tapirapés, que há mais de 20 anos vivem com as Irmãzinhas de Jesus.

As quatro irmãzinhas — Genoveva, Maria, Elizabeth e Joana — estão colaborando com a reunião, mas também se limitarão a ouvir as exposições dos índios.

A maior ajuda que podemos dar aos índios é conscientizá-los, e acho que conseguimos alguma coisa, pela maneira com que eles reagiram diante do problema da terra com os fazendeiros, afirmou Irmãzinhas.

O parque

Embora não esteja dentro da Ilha do Bananal, a Aldeia Tapirapé faz parte do Parque Indígena do Araguaia, onde vivem aproximadamente 1.800 índios entre carajás, javas e tapirapés, que dividem os 20 mil quilômetros quadrados com a Sudeco, a FAB e o IBDF.

Em pouco mais de um ano, o Parque já teve três diretores, e em breve será nomeado o quarto, uma vez que Sidney Possuelo foi transferido, em portaria assinada na última quinta-feira pelo presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira.

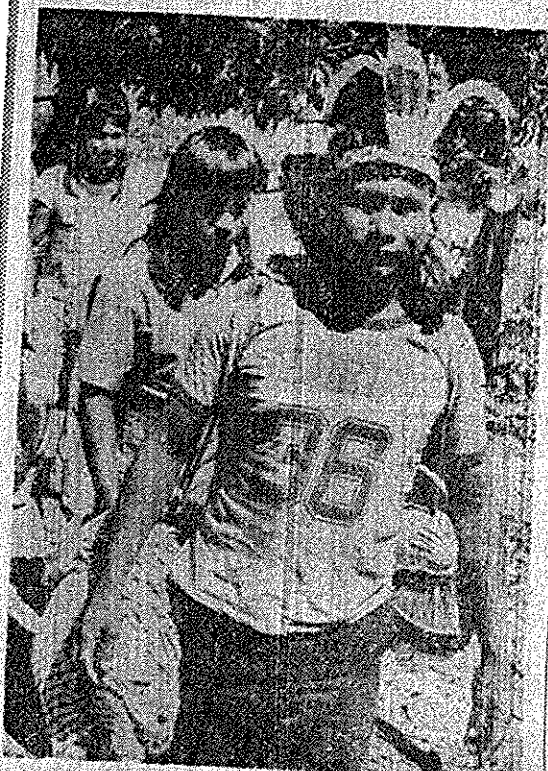
A notícia da substituição de Sidney Possuelo não agradou os índios, principalmente os Tapirapés, mais conscientes que os Carajás sobre a sua situação. Para os Tapirapés, a saída de Possuelo representa um

passo atrás na solução de seus problemas, porque o ex-diretor havia prometido, ao assumir o cargo, que delimitaria toda a área da tribo até o final deste ano. As negociações com os proprietários das fazendas que ocupam terras dos Tapirapés começaram, mas embora ficasse combinado que os fazendeiros enviarão a aldeia topógrafos para medir as terras desafiadas pelos índios, eles não apareceram, desde que Possuelo deixou o parque.

Os Tapirapés confiavam na delimitação de suas terras. O penúltimo diretor, Ubirajara Caiado, ficou no cargo apenas alguns meses, depois de ter provocado total insatisfação entre os habitantes do parque, ao afirmar para os Tapirapés que a solução para seus problemas seria a mudança da aldeia para dentro da Ilha do Bananal — fato que os índios não aceitaram. Caiado teve problemas também com os Carajás, que acabaram expulsando o diretor do parque e o ameaçando de morte.

Com a terceira substituição em pouco mais de um ano, os Tapirapés ainda não sabem como será o futuro da tribo: para eles, quanto mais tempo ficar indefinido o limite de sua área, melhor para as fazendas, que aos poucos estão aumentando os pastos e ocupando as últimas boas terras da região.

Reportagem de HELOISA DOYLE
e ORLANDO BRITO



Chegam os xavantes, modernizados